



A NOSSA GRAVURA

Posto que possa ser applicada para a extincção de incendios, a bomba, cuja gravura hoje publicamos, porque produz um forte e volumoso jacto d'agua, é comtudo especialmente destinada para irrigação. Não deixa por isso de estar nos casos de se tornar conhecida, razão porque a damos á estampa, visto que todos aquelles cuja habitação tiver jardim, poderão empregar-a para rega e ao mesmo tempo possuirão uma excellente machina que lhes poderá ser de grande utilidade no caso de incendio.

Como todas as bombas de G. A. Jauck, é solidamente construida e perfeitamente bem acabada, não só o que diz respeito a machinismo, como caldeira, rodagem e todos os pertences.

Consome 30 litros d'agua por minuto, e o diametro do cylindro mede 59 mil., podendo ser facilmente posta em acção por um só homem, que, ao mesmo tempo que dirige o jacto d'agua com uma das mãos por meio do tubo emissorio atarraxado na parte superior da camara d'ar, com a outra põe em andamento o braço que move a haste do pistão.

Collocada esta machina juncto de um deposito d'agua, pôde tambem ser alimentada por meio de um tubo aspirador, como indica a nossa gravura.

E' com verdadeiro conhecimento de causa que aconselhamos as bombas d'este fabricante, porque as muitas que temos visto e tem sido importadas para o nosso paiz não deixam nada a desejar aos mais exigentes.



MEMORANDA

No nosso numero anterior occupamo-nos da lacuna tão sensivel que se nota na companhia de incendios do Porto, de um regulamento especial para a secção ou corpo auxiliar de aguadeiros.

Sabemos que a maioria dos bombeiros applaudiu a iniciativa que tomamos, chamando a attenção para esta necessidade urgentissima e tanto basta para nos provar que foi justissima a lembrança da nossa parte.

Os proprios aguadeiros ficaram satisfeitissimos por verem que ao menos lhes surgia a esperanza de verem una vez para sempre definidos os seus direitos e deveres, visto que o nosso periodico pedira providencias e era natural que fosse attendido, como quasi sempre tem sido, porque felizmente só pedimos o que é justo e razoavel.

Hoje instamos novamente pela confecção d'esse regulamento e esperamos que ninguem veja n'esta nossa insistencia falta de confiança no chefe dos bombeiros ou no fiscal dos aguadeiros para procederem com acerto e justiça, mas porque é indispensavel que se estabeleça

a lei, de fórma que cada um saiba qual a sua verdadeira posição e se não dê margem a que certas ordens e medidas sejam tidas por arbitrarías, injustas ou severas, quando talvez o não sejam.

O que queremos, o que pedimos, o que ambicionamos, é que haja a maxima regularidade em todo o serviço de incendios, que com tão bons auspicios foi inaugurado pelo actual presidente da camara, a quem não cessaremos de elogiar pelo importante melhora-mento com que dotou a cidade a que tão intelligente-mente preside.

Tanto basta, por hoje, sobre o regulamento dos aguadeiros e chamamos tambem a attenção para um outro regulamento que não é menos importante do que aquelle e não menos necessario — o do serviço dos piquetes de theatro.

Como todos sabem, este serviço pouco ou nada differê do que era antigamente. Certo é que alguns melhoramentos soffreu, se é que se podem denominar melhoramentos dignos de reparo umas prevenções que dizem ter tomado as emprezas theatraes e o facto de ir o piquete devidamente uniformizado.

A unica vantagem que vemos na maneira como é feito o serviço de piquete aos theatros, consiste unicamente no facto de ser uma fonte de receita para os bombeiros, porque no que diz respeito a protecção e utilidade é apenas uma irrisão e temeridade até, pois que a haver incendio serão os bombeiros os primeiros a fugir se não quizerem sujeitar-se a morrer queimados ou asphixiados.

Falta-lhes o material e os meios de combate e defeza no caso de sinistro, assim como a instrucção preciza para o desempenho de tão importante missão.

Esta falta merece igualmente a mais séria attenção e confiamos que o remedio se não faça esperar, por os que incendios em theatros no estrangeiro deveriam pôr-nos de sobre aviso para não sermos tambem sorprendidos, quando temos tido tempo de sobra para nos acautelarmos; porém parece querer-se esperar uma calamidade para depois se providenciar.

Oxalá que similhante desgraça nos não persiga; mas se tivermos essa má estrella, desde já podemos affiançar que as consequencias serão funestissimas, a não remediarem o mal, já obrigando os emprezarios a cumprir certas formalidade e a disporem de certos meios de protecção, já formulando um regulamento que indique ao bombeiro o caminho a seguir em similhante conjunctura.

Note-se: não censuramos ninguém, lembramos apenas. Aproveitem ou não, o elogio ou a culpa irá a quem toca.

Por enquanto aconselhamos; depois seremos inexoraveis na accusação.

INCENDIO

Sexta-feira, 13 do corrente, pelas duas horas da tarde, ao toque de nove badalladas, avançavam os soccorros publicos para o districto de St.^a Catharina.

Manifestara-se, com uma impetuosidade assombrosa, incendio em trez casas em construcção, sitas na rua Formosa, no quarteirão que medeia entre a rua de St.^a Catharina e a da Alegria.

Um rijo vento noroeste lançava as chammass sobre as casas immediatas, abraçando as linguas de fogo os dois primeiros predios especialmente, e ameaçando caminhar na sua peregrinação desastrosa.

Chegado o material municipal e dos voluntarios, que compareceu com toda a presteza, desenvolveu-se a maior actividade nos bombeiros, collocando a bomba n.º 1 dos voluntarios duas agulhetas nas casas mais ameaçadas tentando com um trabalho arduo e aturado cortar ahí o incendio, o que só se conseguiu pelas cinco horas. As bombas municipaes que entraram em acção, trabalhavam para o foco do fogo que em

poucas horas, por falta de combustivel, mais, que pelo esforço estranho, transformara-se n'um largo brazido.

Toda a dedicacão empregada não pode impedir que o incendio se propagasse á casa immediata n.º 211, devorando os dois ultimos andares e causando sensiveis prejuizos nos restantes, á de n.º 203 destruindo o ultimo andar e ás casas fronteiras n.ºs 242 e 250, que pelo excessivo calor ficaram com as frontarias, caixilhos e portas muito deterioradas.

As faúlas, arremaçadas pelo vento a grande altura e distancia, incendiaram um barracão de palha annexo ás cavallariças que estão no jardins do sr. Visconde Pereira Machado e uma estufa que confina com as casas incendiadas propriedade do sr. Daniel Martins de Moura Guimarães.

Quando chegou a bomba dos voluntarios era tão intenso o calor na rua que, ao tentarem atravessar em frente dos predios em chammass, se estragou a pintura da mesma maquina e foram queimados os voluntarios n.º 1, Luiz Vianna, no pescoço e o n.º 9, Adolpho Felgueiras, nas mãos.

Durante os trabalhos da extincção, feriram-se tambem os voluntarios n.º 42, Joaquim Soeiro e n.º 46, Antonio Faria. Houveram tambem leves ferimentos em alguns conductores municipaes.

Trabalharam as bombas municipaes n.º 1, 2, 3, 6, e a dos voluntarios n.º 1 e o carro municipal n.º 3 e o dos voluntarios n.º 1.

Compareceu o material pela seguinte ordem: bomba municipal n.º 2, bomba dos voluntarios n.º 1, bomba municipal n.º 6, carro dos voluntarios n.º 1, carro municipal n.º 3, bomba municipal n.º 3, bomba e carro de Villa Nova de Gaia, trabalhando o pessoal de incendios d'este ultimo local no serviço de agua e picota das bombas em acção.

As tres casas em construcção pertenciam ao sr. Joaquim Pinto da Fonseca e estavam seguras na companhia Tranquilidade em 6:000\$000 réis, calculando se os prejuizos em 4:500\$000 réis.

O predio n.º 207 a 211, pertencente ao sr. Conde de Cedofeita era habitado pela sr.^a D. Ermelinda de Castro Rangel. Estava seguro na Tranquilidade na quantia de 4:000\$000 réis, avaliando-se os prejuizos em 1:200\$ 00 réis, e a mobilia do mesma casa, sem seguro, soffreu damnos computados em 300\$000 réis.

O palacete n.º 201 a 205, propriedade e residencia do sr. Joaquim Pinto da Fonseca, tinha o seguro coberto pela companhia Garantia e os estragos ajuizam-se em 300\$000 réis. Os predios fronteiros n.ºs 242 a 248 e 250 a 252, propriedade da mãe do sr. Amandio Marques Pinto, deshabitados e em obras, tinham o seguro tomado na Companhia Bonança e os seus estragos são no valor de 50\$000 réis.

O barracão do sr. Visconde Pereira Machado, totalmente consumido, valia 30\$000 réis.

A estufa do sr. Daniel Martins de Moura Guimarães soffreu avarias avaliadas em 50\$000 réis.

Formam os prejuizos uma totalidade de 6:430\$ réis.

Retirou todo o material e pessoal pelas 8 e meia horas da noite.

No local do sinistro comparecerem as authoridades administrativas, militares e policiaes e uma enorme concurrencia de povo atrahido pela grandesa do medonho e imponente espectáculo.

Diz-se, ainda que vagamente, que déra causa ao sinistro uma ponta de cigarro lançada imprudente-

mente por um dos operarios ás aparas de madeira, tendo principio na casa do centro das tres em construcção.

No dia immediato pelas 6 horas da manhã foi para o local do incendio a bomba municipal n.º 2 e o pessoal do carro n.º 3, com alguma ferramenta, para se apagar algum rescaldo e remover parte do travejamento e telhas que offereciam risco de cair para a rua. Retirou pelas 9 e meia horas da manhã.

OFFERTA

O proprietario dos predios em construcção na rua Formosa, o sr. Joaquim Pinto da Fonseca, onde ha dias houve um enorme incendio, cuja descripção hoje publicamos, mandou para o cofre da associação dos bombeiros voluntarios a quantia de 50\$000 reis segundo lemos nos jornaes, para ajuda das despesas com o concerto da bomba, que ficou bastante damnificada pelas chammas na occasião da passagem em frente dos predios incendiados.

A ser assim foi generoso porque a despeza que houverem de fazer não será de certo tão avultada.

E' a segunda pessoa que premeia os serviços dos bombeiros voluntarios nos incendios.

Tiveram a primazia os proprietarios da Fabrica Social de chapéus, brindando a corporação com 200\$000 reis.

Era justo que outros imitassem o exemplo, não porque a quantia offertada representa muitas vezes o valor do serviço prestado, mas porque ao menos patenteia certo reconhecimento da parte do beneficiado e é um auxiliar para as avultadas despesas que é obrida a fazer aquella benemerita corporação.

Verdade é que os cincoenta mil réis não pagam os sacrificios, os esforços empregados, o risco de vida, os ferimentos e queimaduras recebidas por uns pobres filhos do povo para salvarem o palacio e as ricas alfaias e mobílias do proprietario que é millionario. Bem sabemos, que se qualquer d'aquelles que alli foi valer aquelle rico banqueiro, tivesse perdido a vida, a sua falta seria muito mais prejudicial e sensível, do que a perda total dos haveres que foram salvar, porque todos vivem do seu trabalho e d'elle sustentam suas familias, mas no entanto não podemos deixar de louvar o procedimento do sr. Fonseca, porque mostra que lhe não foram totalmente indifferentes os serviços prestados.

PRECAUÇÕES CONTRA INCENDIOS

Com a devida vénia fazemos nossas as seguintes palavras que encontramos no nosso collega «*O Primeiro de Janeiro*» de 15 do corrente :

«Dá-se como averiguado que o incendio que antehontem de tarde sobresaltou a cidade, e que em tão pouco tempo causou estragos de muita consideração, fôra devido a um descuido casual. Alguma ponta de cigarro era atirada irreflectidamente para cima d'uns

cavacos. O fogo irrompia d'ahi a instantes com uma voracidade intensa, indomavel, e em menos de um quarto de hora deixava tres predios em adiantada construcção reduzidos a cinzas.

Quem é responsavel pelos damnos resultantes do desastre? Quem indemnisa o incommodo e o sobresalto dos vizinhos? Quem tem culpa dos ferimentos que receberam os que por obrigação de officio ou por dedicacão e filantropia se esforçaram em atalhar o incendio?

A imprevidencia, o descuido, isto é, ninguém! Pois ha casos, como este, em que a imprevidencia e o descuido se confundem nos efeitos com a requintada malvadez. Onde não ha intenção criminosa, não ha crime; esta é a unica differença. Os resultados são os mesmos.

Os desastres, filhos da descuidada, repetem-se entre nós com extrema frequencia. Appellamos para os sentimentos humanitarios de todos, pedindo extremo cuidado. E se o esperamos de todos os cidadãos, temos o direito de o exigir d'aquelles a quem compete a boa policia e vigilancia dos estabelecimentos publicos.

Na alfandega d'esta cidade, onde se arrecadam quantiosos valores, o cigarro e o charuto são livres! N'estas condições, não admira que um dia vá pelos ares tudo aquillo; admira, sim, que não tenha já succedido. E se succeder, infelizmente, é de presumir que não bastem a resarcir tamanha perda todos os fundos de companhias que ali tomam seguros.

Pedimos providencias, e rigorosas, afim de acautelar desastres que redundam em perdas de bens e de vidas.

Os bens acautelam-se no seguro, dir-se-ha. Pois diz-se uma banalidade e uma immoralidade tambem. As companhias seguradoras do Porto não poderiam resistir a uma serie ininterrompida de desastres, sejam elles procedentes de culposos desmazello ou de criminosa má fé. Depois, os capitães, que as constituem, procuram um lucro, um dividendo mais ou menos certo, não a sua perda total. O dinheiro que a estas empresas concorre não se junta ali por milagre.

As vidas é outra coisa; essas ninguém pôde segurar-as.

A todos se impõe o rigoroso e stricto dever de obstar a que se reproduzam estes sinistros.—Proprietarios, companhias seguradoras, mestres d'obras, operarios e moradores, todos se arriscam a perder.»

Varias noticias

Em sessão da camara municipal de Lisboa de 29 do passado, o vereador do pelouro dos incendios, o sr. J. J. Antunes Rebello, apresentou as seguintes propostas que foram unanimemente approvadas:

Que em officio ao ministerio da marinha se agradeçam os soccorros mandados pelo arsenal ao incendio que se manifestou nas estancias do aterro na noite de 10 para 11 de março, bem como os que vieram de bordo dos navios *Vasco da Gama*, *Africa*, *Estephania*, *Rainha de Portugal* e *D. Fernando*.

«Que igualmente se agradeça á direcção da Companhia lisbonense de illuminação a gaz o auxilio pres-

tado pelo seu pessoal e material, e que na acta se lance um voto de agradecimento a todas as associações de voluntarios que alli concorreram, especializando a Companhia de voluntarios de Lisboa pela efficacia dos soccorros e aturado trabalho do seu pessoal.

Propoz mais que na acta na consignassem os seguintes votos de louvor que foram approvados por unanimidade:

1.º—Ao sr. inspector geral dos incendios e aos seus dois ajudantes, pelos excellentes serviços que prestaram na extincção do alludido incendio e no que posteriormente se manifestou n'uma fabrica de cortiça no sitio da Margueira, na outra banda do Tejo.

2.º—Ao facultativo da corporação de bombeiros municipaes de Lisboa, o sr. Fonseca, os seus valiosos serviços por occasião dos dois referidos incendios, prestando immediatos soccorros medicos aos feridos, devendo-se talvez á promptidão d'esses soccorros o salvamento de duas vidas.

3.º—A toda a corporação dos bombeiros municipaes que em ambos os ditos incendios se portaram com valor, zelo e deligencia que lhes são caracteristicos, mostrando-se sempre dignos da maior consideração.

—José Martins de Queiroz, o sympathico e digno commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, foi entusiastica e justamente victoriado por occasião do espectáculo que o Gymnasio Club realiso ha dias na capital e no qual tomou parte como distincto e destemido cavalleiro, montando em alta escola o seu bem adestrado cavallo *Dragão*.

—A companhia dos bombeiros voluntarios de Braga festejou no domingo 1 do corrente, o seu 6.º anniversario, com uma missa na igreja da Ordem Terceira, de que foi celebrante o sr. dr. Moreira Guimarães, presidente d'aquella associação, assistindo toda a companhia e o commandante da mes.ma, o sr. Antonio Joaquim Pereira de Moraes.

Como demonstração de regozijo, percorreu as ruas a banda dos artistas, e á noite houve illuminação na casa da estação, que estava embandeirada.

—Subiu ao governo uma representação da camara municipal de Lisboa, sollicitando a aquisição de uma bomba fluctuante, do melhor systema, para acudir aos incendios a bordo dos navios, e aos importantes estabelecimentos do estado, como arsenaes, cordoaria, alfandegas, etc., e bem assim ás fabricas e depositos industriaes ao norte e sul do Tejo.

—No dia 8 do corrente a companhia de Bombeiros municipaes de Lamego, teve no largo do Rocio d'aquella cidade, revista de material que lhe foi passada pelo respectivo commandante com assistencia do vereador do pelouro respectivo.

—Está em Mirandella adestrando a companhia de Bombeiros ultimamente organisa da n'aquella villa, o sr. Arminio von Doellinger, 2.º patrão dos Bombeiros voluntarios d'esta cidade.

A camara municipal de Mirandella fez aquisição, como em tempo noticiamos, d'uma excellente bomba da casa Jauck, de Leipzig, por intervenção da casa commercial do sr. Guilherme Gomes Fernandes que igualmente forneceu todo o mais material e equipamento.

—Tem estado n'esta cidade o digno segundo commandante dos Bombeiros voluntarios de Guimarães, o sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado.

MORTE D'UM BOMBEIRO VOLUNTARIO

Falleceu em Lisboa no dia 7 do corrente, o malogrado Luiz Cardoso Martins, impressor typographico da Imprensa Nacional e bombeiro voluntario da mesma imprensa, que ha tempos, ficára bastante contuso ao descer de um carro americano, na rua do Ouro em frente da rua do Crucifixo onde morava.

O prestito funebre, que saiu do hospital real de S. José, era imponente, pois formavam alas cerca de cento e tantas pessoas. No caixão, sobre o qual se via uma corôa de perpetuas coberta de crepe preto lia-se o seguinte lemma:—«*Os seus collegas.*» Era conduzido sobre a carreta dos bombeiros voluntarios de Campolide. Fechava o prestito uma deputação de bombeiros municipaes e deputações de bombeiros voluntarios de Campolide, Belem, Junqueira, Almada e ambulancia voluntaria de Lisboa.

A administração geral da imprensa Nacional ia representada pelo contador geral e presidente effectivo d'aquella corporação o sr. Francisco Angelo de Almeida Pereira e Souza. No prestito iam tambem os srs. Augusto Cesar Pereira da Cunha, director da officina typographica d'aquelle estabelecimento e José de Mattos Goes de Barros, que é um dos membros da direcção dos bombeiros d'aquella imprensa. O digno inspector geral dos incendios, o sr. Barreiros, tambem se prestou a concorrer com o que dependia da sua repartição.

O sr. Carlos Luiz Lugin Junior, commandante dos bombeiros voluntarios da Ajuda, pediu desculpa da sua falta e dos seus collegas, em consequencia de não ter tido conhecimento do referido acto.

INCENDIOS NAS PROVINCIAS

No dia 3 do corrente, em Guimarães, pelas 10 horas e meia da noite, declarou-se um incendio nas trazeiras da casa do sr. Vicente de Souza Neves, merceiro, com fabrica de biscoutos na rua de Camões. O incendio causou sensiveis prejuizos destruindo dous andares da casa, cujos moradores correram risco de vida, conseguindo salvar-se pelos telhados. Prestaram apreciaveis serviços as companhias de bombeiros municipal e voluntarios devendo-se a ellas o não ter o incendio tido mais funestas consequencias, attento o local em que estava situado o predio incendiado, n'um labyrintho de casebres meio arruinados communicando com as trazeiras das casas da rua de Camões e do Campo do Toural.

—Na madrugada do dia 4, houve tambem um pequeno incendio n'um predio da rua da Caldeiroa. Atalhado a tempo não foram chamados os soccorros.

—A's 4 horas da manhã do dia 2 do corrente, manifestou-se um violento incendio no predio n.ºs 107 a 109, da rua dos Mercadores, em Villa Franca de Xira, pertencente ao sr. Francisco Patricio, que tinha o seu estabelecimento de mercearia, ferragens e fazendas na loja do mesmo predio.

As diligencias empregadas foram infructiferas para dominar o terrivel elemento, que em pouco tempo

reduziu tudo a um montão de ruínas. O prédio estava seguro na companhia Fidelidade em 3 contos de reis, e o estabelecimento em igual quantia na mesma companhia. O prejuizo foi total.

—No dia 2 do corrente, manifestou-se um grande incendio na residencia do parcho da freguezia de Maceda, do concelho de Ovar. Ignora-se como foi o fogo pegado. A casa ardeu quasi toda, mas felizmente não consta que haja desgraças a lamentar.

—No dia 8 do corrente, pelas 10 horas da manhã, manifestou-se fogo n'uma bouça pertencente ao sr. Joaquim do Bairro, do Calendario, suburbios de Villa Nova de Famalicão. Arderam, apesar dos promptos soccorros dos visinhos e da comparencia no local dos bombeiros municipaes e respectivo material, perto de vinte carros de mato. Ignora-se a causa de tal sinistro.

—Na noite de 7 para 8 do corrente manifestou-se incendio n'um barracão pertencente ao sr. José Martins Barboza, situado no logar do Pinheirinho, em Santo Thyrsó, proximo da estação do caminho de ferro de Guimarães.

Os prejuizos foram insignificantes, mas se não fossem os promptos soccorros prestados pelo digno chefe da 1.ª secção, o sr. Giulio Maggiorani, empregados da fiscalisação e guardas nocturnos da linha, de certo elle se communicaria a muitos milhares de travessas creosotadas que a companhia alli tem, e então os prejuizos seriam muito grandes.

—No dia 8, pelas 8 horas da noite, houve outro incendio n'uma casa de Joaquim Ferreira Bourbon, situada proximo da igreja da freguezia de Sequeiró, do mesmo concelho, habitada por uns pobres caseiros. As chammas devoraram em menos de duas horas a casa e toda a mobilia dos inquilinos, os quaes perderam todo a sua riqueza, que consistia nos poucos moveis que tinham, pois salvaram só a roupa que traziam vestida.

Os prejuizos excedem a quantia de 300\$000 rs.

Não obstante ser o incendio distante d'aquella villa 4 kilometros partiram d'ali tres bombeiros voluntarios, os srs. José Maria de Souza Azevedo, José Maria Azevedo Freitas Costa e Rodrigo Joaquim Machado, que, coadjuvados pelos visinhos da casa incendiada, trabalharam para salvarem do incendio os predios contiguos.

—Na ilha de S. Jorge, logar da Piedade, incendiou-se uma casa de palhoça, morrendo uma pobre velha que, tendo salvo uma criança que estava na cama, tornou a entrar no prédio, afim de salvar alguns objectos, sendo então apanhada pelo travejamento, o qual desabou de subito.

—No dia 11 do corrente, pelas 4 horas da tarde, no logar de Nespreira, proximo á quinta da Boavista, concelho de Sever do Vouga, ardeu completamente a casa de Manoel Coutinho de Almeida, com tudo o que havia dentro, ficando elle, e a familia, apenas com a roupa que traziam vestida.

Trabalhou-se com a maior dedicação e actividade mas a ventania, fortissima, não deixou salvar mais do que a gente e o gado.

—Na tarde do dia 8 do corrente, houve em Lamego um principio de incendio na rua de Cardoso Ave-lino, na cosinha d'uma das casas que alli possui o sr. Macario de Castro e que é habitada pelo sr. Guedes Osorio. Os soccorros foram promptos, comparecendo todo o material e pessoal das companhias municipaes e voluntarios.

Os prejuizos não foram superiores a 50\$000 rs.

Incendios no estrangeiro

—O theatro nacional de Berlim foi completamente destruido por incendio, não se salvando cousa alguma, nem do edificio, nem do que elle continha. Felizmente não houve mortos, nem feridos.

—Desmornou-se no dia 8 do corrente o hotel de Greenville, sendo em seguida as ruínas consumidas por um incendio. Pareceram esmagadas ou queimadas quatorze pessoas, e ficaram feridas muitas. Julga-se que o desastre foi devido a uma explosão de polvora nos subterraneos do hotel.

—Tambem no dia 8 do corrente rebentou um grande incendio na povoação industrial de Vallorbe, cantão de Vaud. O fogo destruiu toda a parte da villa situada na margem esquerda do Orde. Ficaram destruidas 145 propriedades, incluindo a repartição dos correios e telegraphos contendo valores importantes, dois hotéis, etc.. Estão sem abrigo 12:000 pessoas. As perdas avaliam-se em proximamente dois milhões de francos.

—Em Kockton-on-Tees (Inglaterra) foi destruido por um incendio o Star-Theatre, que era tambem Café Cantante. Ardeu todo o scenario, mas não houve mortes.

—Não dia 4 do corrente, ás 6 horas da tarde, foi a cidade de Nice surpreendida pelo espectáculo de uma expressa e enorme columna de fumo, que se levantava do lado do mar e ia estender-se em rolos escuros na athmosphera. Era a *Jettée promenade* que ardia.

A *Jettée* fôra construida por uma companhia ingleza, conforme os modêlos da magnifica *Pier* de Brighton. Não estava ainda inteiramente acabada, apesar de já lá ter havido uma festa de caridade e da commissão das regatas ter lá estabelecido as respectivas tribunas. Era uma construcção lindissima, toda de ferro e madeira, cheia de pavilhões e cupulas orientaes, no meio das aguas da bahia dos Anjos, e ligada á terra firme por uma extensa e larga ponte. Consta-va de espaçosos terraços, cafés, lojas, restaurantes, grande sala de concertos, etc. Hoje só resta d'essa soberba construcção o taboleiro de ferro onde estava assente.

Não está ainda averiguada a origem do incendio, mas suppõe-se que os operarios que estavam trabalhando na canalisação do gaz deixaram fogo por lá, e que este se communicou aos liquidos inflammaveis que os pintores ali tinham, agua-raz, therebentina, etc..

A madeira, recentemente pintada, os tectos das cupulas forrados de feltro alcatroado, prestaram optimos elementos ás chammas. A's 9 horas da noite havia ainda incendio nas ultimas taboas que restavam por arder.

Dizem que a *Jettée* estava segura em duas companhias no valor de dois milhões de francos.

—Houve no dia 9 do corrente uma explosão no theatro Revel, de S. Peterbugo que causou a morte a cerca de cem pessoas.

O theatro Revel é um theatro ultimamente construido.

—A cerca do incendio do theatro nacional de Berlim, diz a *Gazeta de Colonia* que o talão metalico está a tal ponto queimado, que mal se reconhece, e que

o scenario impregnado de materias destinadas a preserval-o do fogo, foi igualmente destruido pelas chamas.

— Um pavoroso incendio destruiu ultimamente em Berne, na Suissa, os edificios do correio e telegrapho, dous hoteis e cincoenta casas.

— O theatro Andreani, de Mantua, foi ha dias completamente reduzido a cinzas, não havendo felizmente mortes.

— Houve ha dias em Avinhão um grande incendio, no deposito de mercadorias da estação do caminho de ferro.

Como o vento soprava com violencia, foram baldados todos os esforços dos bombeiros para que a destruição não fosse total.

Calculam-se os prejuizos em dois milhões de francos.

— Em uma eschola de Nova-York que tinha 200 meninos e 500 meninas declarou-se fogo; com o terror fugiram de tropel para uma escada, cujo balaustre estalou, ficando umas 16 creanças esmagadas e mortas de susto, e muitas outras com lesões graves.

INSPECÇÃO DOS INCENDIOS EM LISBOA

Eis a nota da despeza feita com este importante pelouro em fevereiro proximo passado.

Despendio até 31 de janeiro de 1883..... 2:039\$952

Fevereiro de 1883

Ordenados e diuturnidade ..	678\$367	
Sotas e serviços permanentes	297\$120	
Extinção dos incendios....	546\$120	
Material e outras.....	878\$635	
Iluminação.....	45\$930	
Telegraphia.....	74\$700	2:520\$972

Rs. 4:560\$824

COMPANHIA DE BOMBEIROS NA ALFANDEGA DE LISBOA

Doze operarios, machinistas, serralheiros, carpinteiros, etc., ao serviço da alfandega de Lisboa, pediram ao sr. Heredia que, no interesse do serviço publico, se organisasse n'aquella casa fiscal uma companhia de bombeiros, a exemplo e com os mesmos intuitos de outras que se tem organizado nos arsenaes de marinha e do exercito. Os requerentes declararam sujeitar-se a todas as obrigações que um regulamento, approvedo pelo sr. director da alfandega, lhes impozer.

O sr. Heredia nomeou uma commissão, composta dos srs. conselheiro Azevedo Pereira, Calvet de Magalhães e Raposo de Carvalho, para poopôr os termos em que a referida companhia de bombeiros poderá ser organizada.

A idéa dos operarios da alfandega é muito sym-

pathica e hade encontrar certamente em todas as classes de empregados d'aquella casa fiscal á mais entusiastica adherencia.

O sr. Barreiros, inspector dos incendios, consultado por um dos membros da commissão, declarou prestar á proposta enunciada o seu sincero apoio.

JOÃO BERNARDO DE AMORIM BRANDÃO

Finou-se no dia 11 do corrente, em Lisboa, o sr. João Bernardo de Amorim Brandão, fiscal dos charizes e do material da inspecção dos incendios.

Durante 43 annos fez parte do corpo dos bombeiros municipaes de Lisboa.

Era condecorado com a medalha da febre amarella, e com a medalha de prata pelos serviços prestados no incendio dos Paços do concelho. Foi elogiado nas sessões da camara de 11 de outubro de 1857 e 12 de janeiro de 1865, por serviços prestados em diversos fogos.

Foi imponentissimo o seu cortejo funebre. O caixão foi levado sobre uma carreta, conduzida por bombeiros municipaes, vendo-se sobre o feretro o capacete, a espada, e todas as condecorações que possuia o finado, e que lhe foram conferidas durante a sua heroica carreira de bombeiro por serviços de verdadeira benemerencia. Iam encorporados no prestito toda a corporação dos bombeiros municipaes com o seu inspector e ajudantes, o sr. vereador Antunes Rebello, os voluntarios de Lisboa com o seu commandante, municipaes e voluntarios de Belem, e os voluntarios da Ajuda, Junqueira, Campolide, Oliveaes, Almada, do caminho de ferro e da imprensa nacional, a sympathica corporação da Ambulancia, com os facultativos srs. drs. Xavier da Fonseca Junior e Salgueiro de Almeida, muitos amigos do finado, e uma deputação de empregados das differentes companhias de seguros, alguns conductores de bomba, e um numerozissimo acompanhamento de povo que se juntou a muito mais que esperava o cortejo no cemiterio. Sobre o caixão foram collocadas duas coroas, uma da familia e outra de alguns amigos. O sr. vereador Antunes Rebello fez um pequeno discurso exaltando as qualidades e serviços do fallecido. O bombeiro municipal n.º 110, tambem proferiu algumas palavras de saudade pelo seu companheiro.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS EM VALLONGO

Instituiu-se na villa de Vallongo uma associação de bombeiros voluntarios.

Reunindo-se no dia 9 do corrente escolheram para os differentes cargos da sua gerencia os seguintes srs.:

Presidente, José Marques de Carvalho; secretarios, João Elias Monteiro da Rocha e Joaquim José Ribeiro Seara; thesoureiro, João Marques Caetano; fiscal, Antonio Marques Valente; 1.º commandante, José Francisco Ribeiro Seara; 2.º, Antonio Caetano Alves Pereira.

Agradecimento

Os abaixo assignados julgam ter agradecido a todos os cavalheiros que honraram com a sua presença os responsos de sepultura que, em a noite de 16 do mez findo, se resaram na igreja dos extintos Carmelitas, por alma de João Ferreira Dias Guimarães Junior, e bem assim a todos aquelles, que tanto d'esta cidade como da provincia, se dignaram complimental-os por tal infausto acontecimento; podendo, porém, ter havido alguma falta involuntaria, veem de novo e por este meio protestar a todos o seu maior reconhecimento.

Não podem deixar de agradecer muito especialmente á imprensa portuense, á real associação humanitaria dos bombeiros voluntarios do Porto pelo seu delicado convite, ás briosas corporações dos bombeiros voluntarios e municipais, d'esta cidade e de Villa Nova de Gaya, por haverem assistido ao funeral, acompanhando o cadaver ao jazigo de Agramente, e finalmente nos dedicados amigos que da provincia vieram expressamente assistir aquelle religioso acto.

A todos os protestos mais vehementes do seu eterno reconhecimento.

Porto, 12 de abril de 1883.

João Ferreira Dias Guimarães
Alfredo Ferreira Dias Guimarães
Eleuterio Sarmento (ausente)
João Maria Pereira (ausente)
Domingos Antonio Maxim Alves (ausente)
João Ferreira d'Araujo Guimarães
Domingos Ferreira Dias Guimarães.

INCENDIOS NO PORTO

(Continuado do n.º 22 do 6.º anno).

6 de setembro. — A's 6 horas da tarde. Rua das Musas. Propriedade de Constantino Antonio de Vasconcellos, e occupada pelo mesmo.

O fogo teve principio n'um barracão de madeira. O predio não estava no seguro e a prejuizos calculam-se em 103000 rs. Chegou em 1.º logar o carro de material n.º 3, e em segundo a bomba municipal n.º 8. Compareceu o material dos Voluntarios.

7 de setembro. — A's 7 horas e 15 minutos da tarde. Travessa das Musas n.º 620. Propriedade de Eduardo Gomes, e occupada por Manoel Pinto. Ignora-se se o predio estava no seguro. Os prejuizos insignificantes. Chegou em 1.º logar o carro de material n.º 3, e em segundo o carro dos Voluntarios.

7 de setembro. — A's 8 horas e 45 minutos da noite. Rua de St.ª Catharina n.º 807. Propriedade de Raymundo Joaquim Martins, e occupada por D. Margarida Isabel Peixoto de Castro. O fogo teve principio em palha. O predio estava seguro e os prejuizos foram insignificantes. Chegou em 1.º logar o carro de material n.º 3, comparecendo tambem o material dos Voluntarios.

geração n.º 49. Propriedade de Manuel José Teixeira de Mattos, e occupada por José Maria Passos.

O fogo teve principio na chaminé. O predio estava seguro, e os prejuizos foram insignificantes. Chegou em 1.º logar a bomba municipal n.º 5, e compareceu tambem o material dos Voluntarios.

12 de setembro. — A' 1 hora e meia da madrugada. Rua do Bomjardim n.º 521. Propriedade de D. Anna Pinto e Cunha e occupada por Joaquim Coimbra (carpinteiro). O fogo teve principio em fitas. O predio estava seguro, e os prejuizos calculam-se em 43500 réis. Compareceu unicamente a bomba n.º 1 dos Voluntarios.

12 de setembro. — A's 5 horas da madrugada. Arcos da Ribeira n.º 3. Propriedade dos herdeiros de João Coelho d'Almeida, e occupada por Manuel de Madureira.

O fogo teve principio na chaminé. Ignora-se se o predio estava seguro. Os prejuizos insignificantes. Chegou em 1.º logar a bomba de Villa Nova de Gaya, e em segundo a bomba municipal n.º 4. Compareceu o material dos Voluntarios.

12 de setembro. — A's 8 horas e meia da noite — Rebate falso, — Sain o material dos Voluntarios.

25 de setembro. — A's 10 horas da noite. Quartel da Guarda Municipal, Carmo. Propriedade do Estado, e occupada pela Guarda Municipal. O fogo teve principio em carvão mal apagado. O predio não estava seguro, e os prejuizos calculam-se em 133500 réis. Chegou em 1.º logar a bomba municipal n.º 3, e em segundo a bomba municipal n.º 1. Compareceu o material dos Voluntarios.

27 de setembro. — A's 11 horas da noite. Rua da Rainha n.º 64. Propriedade de Pedro Vasques Bentin, e occupada por Antonio José Correa & C.ª. O fogo teve principio n'uma cortina. O predio estava seguro, e os prejuizos calculam-se em 800\$000 réis. Chegou em 1.º logar a bomba municipal n.º 5, e em seguida a bomba e carro dos Voluntarios que trabalharam na extincção dos incendios.

(Continuar-se-ha.)

Guilherme Gomes Fernandes & C.ª, com casa de comissões á rua do St.ª da Bandeira n.º 116, 1.º andar, encarregam-se do fornecimento de bombas e mais aparelhos contra incendios, proprios para companhias de bombeiros, fabricas, estabelecimentos publicos e casas particulares e promptifileam-se igualmente a mandar a qualquer localidade pessoa habilitada para ensinar o uso e maneo d'esses aparelhos.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ
PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

A CHRONICA

REVISTA LITTERARIA, NOTICIOSA E THEATRAL

(APPENSO AO BOMBEIRO PORTUGUEZ)

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	500 réis
Semestre	13000 .
Anno	25000 .

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	13200 .
Anno	25400 .
Numero avulso	100 .

10 de setembro. — A's 6 horas da manhã. Campo da Re-

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9. — Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B. MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116—Porto.